

# UM SALTO A LISBOA PARA RECONCILIAR MOÇAMBIQUE

— As "movimentações" de Pedro Mondlane dentro do seu "Movimento Unificador"

Enquanto que para muitos o «25 de Abril» em Moçambique significou a queda de um holocausto de suplício, onde o mais forte, determinado pela força do poder espezinhava o mais fraco, condicionado pela mesma força, para alguns funcionou como que uma «água benta» em cuja pia de metamorfose lavaram todos os pecados que os ligavam ao fascismo convertendo-se à democracia.

Entre estes prosélitos, muitos pertenceram à pequena burguesia negra, onde por imposição do dispositivo repressivo forjado pela estrutura colonial, a grande maioria procurava identificar-se com as elites coloniais. Essa identificação implicava, infalvel-

mente — estas as primeiras palavras de Pedro Mondlane, que seguidamente prossegue:

«Pouco depois do lançamento do meu movimento, que não é nenhum partido político, como muitos interpretam, fui contactado pela COREMO, através de carta enviada de Nairobi, pelos Federalistas e pela ex-Convergência Democrática (agora Partido Social Democrata de Moçambique), e mais tarde contactei o FICO. Todos estes partidos apoiaram a ideia da finalidade do Movimento. De-

NIPOMO (Movimento Nacionalista para a Independência do Povo Moçambicano). Destas conversações com os representantes dos diversos grupos, resultou a minha ida a Lisboa, acompanhado de um observador dos partidos, onde durante cinco dias contactei o Governo Português, com vista a determinar-se uma fórmula que evite o derramamento de sangue que parece iminente, e que o nosso povo ignora».

Instado, depois sobre o resultado desta diligência, informou:

«A minha ideia mereceu a atenção das autoridades de Lisboa, e espero que se consiga, de facto, uma plataforma que evite uma guerra civil. Porque se estivermos divididos, tal como se encontra, agora o povo moçambicano, será mais fácil a uma potência qualquer estrangeira, devido à situação geográfica local, aproveitar-se deste clima de confusão para através de um partido dissidente manobrar uma guerra civil que a ninguém aproveitaria».

## GOVERNO DE COLIGAÇÃO COM A FRELIMO

Solicitado a esclarecer porque considerava o povo moçambicano dividido, Pedro Mondlane respondeu:

«Os partidos políticos existentes em Moçambique, são na sua totalidade divergentes entre si quanto aos objectivos e formas preconizadas, embora o ponto comum da sua meta seja a independência. Nesta ordem de ideias, cada partido tem vindo a mobilizar massas que aderem aos seus princípios ideológicos. Neste momento, é absolutamente necessário congregarmos esses partidos juntamente com os seus aderentes num só partido para que de facto possa haver hipótese de representatividade desses mesmos partidos».

— Concretamente, qual será a finalidade dessa representatividade? — atalhamos em seguida, ao que Pedro Mondlane declarou:

«Como disse, é necessário que todos estes partidos dissi-

dentos se unam para se poder fazer algo. Quanto mais unidos estiverem, será depois mais fácil trabalhar, pois poderão eleger os seus representantes para formarem um governo de coligação com a FRELIMO, evitando-se assim o derramamento de sangue em consequência destas divergências. É preciso que o povo esteja unido do norte ao sul e de este a oeste, para que desta feita possa estar vigilante. O meu Movimento propõe-se a dialogar com todos os partidos existentes que ainda não tenham sido contactados, no sentido de serem apreciados os seus pontos de vista para se encontrar uma solução de unidade».

— Porque é que na sua missão unificadora e reconciliadora não contactou também a FRELIMO? — Interrogámos a finalizar, tendo Pedro Mondlane respondido:

«Não tenho tempo, sabe. Tenho tido muito trabalho, até porque mesmo esta ida a Lisboa só pude dispor de cinco dias que terei de descontar nas férias do próximo ano. Decidi actuar rapidamente aqui dentro porque de facto a situação é grave, aliás o próprio dr. Domingos Arouca reconheceu que o momento não era para brincadeiras. Tire uma conversa com ele sobre este problema, e ele está de acordo comigo em que se deve fazer algo».

A terminar, Pedro Mondlane quis dirigir um apelo ao povo moçambicano:

«Apelo para todos os moçambicanos que confiam no Governo Português porque o seu programa visa a descolonização total de Moçambique. Compreendamo-nos uns aos outros, acabemos com estas acusações mútuas e ondas de violência porque não trazem nenhuns benefícios ao nosso país. Construamos a nossa Pátria e não destruamos o que está felto».

## Entrevista de ABEL FAIFE



mente o envolvimento consciente ou inconsciente nas malhas fascizantes montadas à sua volta, na mira de uma promoção profissional.

Pedro Mapangano Mondlane, personalidade profundamente enfeudada na burguesia de Moçambique, fundou, há cerca de um mês o Movimento de Unificação e Reconciliação de Moçambique, do qual é presidente e único componente.

### IDA A LISBOA

No âmbito da actuação que constitui objectivo deste movimento, Pedro Mondlane acaba de regressar de Lisboa, onde foi contactar o Presidente da República Portuguesa, General Spínola e o general Costa Gomes. Do resultado desta diligência abordámos um destes dias Pedro Mondlane, cujo diálogo passámos a reproduzir:

«Conhecedor da situação grave que existe sobre o futuro de Moçambique, com estes grupos políticos todos divididos, procurei uma plataforma no sentido de conseguir uma solução pacífica em virtude de sobre o povo moçambicano pairarem sombrias nu-

«Quanto mais unidos estiverem estes partidos dissidentes, será depois mais fácil trabalhar, pois poderão eleger os seus representantes para formarem um governo de coligação com a Frelimo — Pedro Mapangano Mondlane

pois, tratei de contactar os partidos situados no centro e no norte, com os quais tive conversações nos dias 10 e 11 do corrente».

Referindo-se especificamente à sua deslocação a Portugal, acrescentou:

«No decurso destes contactos tive de me deslocar a Beira, onde estabeleci conversações com Uria Simango, Joana Simão, Miguel Marupa e Basílio Banda, estes últimos pertencentes ao partido MO-